Carlos M. J. Alves

Vozes de Burro

CONTOS



Vozes de Burro

CONTOS

Carlos M. J. Alves

Vozes de Burro

CONTOS



SUMÂRIO

DUAS LINHAS À GUISA DE PREFÁCIO 9
João Barroso Soares

UM CALEIDOSCÓPIO SOCIAL 13
Miguel Real

RISCOS DE VOLTAR AO SÍTIO ONDE SE FOI FELIZ 15
Carlos M. J. Alves

PARTE I
VIDAS CASEIRAS 21

GÉNIO ADORMECIDO 23
ANTES DE TEMPO 29
AS VARANDAS DE HAVANA 37
REFLEXO 43
SE ME DISSERES, EU NÃO CONTO! 51
ENTREVISTA 55
VIVER COMO QUEM MORRE 59
OS CRAQUES NÃO JOGAM À BALIZA 69
AS GRANDES BANDAS NÃO TOCAM ENCORES 75
AMOR À PRIMEIRA ESTAÇÃO 81
UM DEUS GRANDE PARA COISAS PEQUENAS 85
OS CAMPEÕES DO SENHOR SAMIR 89
A IDADE É PARA OS MAIS NOVOS 97
O AMOR FICA NO OUVIDO 103
VOZES DE BURRO 107
O CORPO PARA O MANIFESTO 111
UM SANTO ANTÓNIO NÃO VALE MEIO SÃO PEDRO 117
QUEBRAR EM CASO DE EMERGÊNCIA 123
VER MAIS FORTE 129
NÃO MORRO NEM QUE ME MATES 135
A MULHER QUE ENSINOU O GATO A LADRAR 141
IMPOSSÍVEIS SINTOMÁTICOS DA METEOROLOGIA 145
ANÁFORAS DE MULHER A DIAS 151

PARTE II
CORRESPONDÊNCIA PERDIDA 157

Para a Sofia, a minha melhor amiga, namorada, amante, confidente, companheira para a vida e a melhor parte de mim, as nossas filhas Mariana e Catarina.

DUAS LINHAS À GUISA DE PREFÁCIO

O autor Carlos M. J. Alves e o editor deste conjunto magnífico de contos honraram-me com a surpresa do convite para escrever algumas linhas, à guisa de prefácio, para a segunda edição desta obra, com o irónico e muito saboroso título *Vozes de Burro*.

O livro obteve em 2017 o Prémio Alves Redol – atribuído pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, terra natal de Alves Redol – e foi editado como consequência natural do respeitado e prestigiado prémio.

Devo começar por sublinhar que tive o privilégio de ter conhecido pessoalmente Alves Redol, o que revela, feliz e infelizmente, a minha idade e o facto de pertencer a uma geração que ainda foi sua contemporânea. Conheço, respeito e admiro a sua obra. Li-a, penso que toda, ou quase toda. Alves Redol foi clara e indiscutivelmente uma das maiores e mais marcantes figuras da corrente neorrealista em Portugal e o prémio que foi instituído em sua homenagem é muito respeitado e é, portanto, logo à partida, uma garantia de qualidade literária para quem o recebe. A obra de Carlos M. J. Alves , na minha opinião, mereceu claramente o Prémio Alves Redol. Daí nasceu a primeira edição e agora, e muito bem, esta segunda edição, que é – isto é a minha costela de editor a falar – um sinal muito claro do interesse e sucesso entre leitores desta belíssima coletânea de contos.

Eu conhecia e estimava o autor Carlos M. J. Alves de outras andanças que não as literárias. Admirava, e admiro, o seu

trabalho como autarca na sua Arruda dos Vinhos. Mas, confesso, não conhecia de todo a sua veia literária. Fiquei profundamente surpreendido, e pela positiva, com esta obra. Aqui não resisto a citar a histórica frase de Fernando Pessoa, poeta e publicista, para e sobre a Coca Cola: "primeiro estranha-se, depois entranha-se". Isto é, traduzido em termos pessoais, arranquei para a leitura desconfiado, ou mesmo, reconheço o meu erro, um tanto descrente. Todavia, à medida que lia, ia ficando cada vez mais seduzido e agarrado à leitura. Não tenho pretensões, não sou crítico literário. Sou simplesmente alguém que durante toda a vida tem estado ligado à edição e, sobretudo, alguém que gosta muito de ler, e o faz diariamente, às vezes mesmo compulsivamente. Li, gostei, fiquei seduzido e recomendo vivamente este Vozes de Burro, de Carlos M. J. Alves. É, evidentemente, também, como sublinha Miguel Real no seu prefácio à primeira edição, uma obra de crítica social. Uma obra engajada e solidária, entre outros aspetos. Da mesma maneira que, partindo numa lógica de escrita e narrativa que se pode considerar neorrealista, não se fica por aqui. Há marcas claramente de gosto surrealista em alguns dos contos. Da mesma forma que há um quase constante aroma poético em muitos destes contos e textos.

O livro divide-se em duas partes: as "Vidas Caseiras" e a "Correspondência Perdida". São estruturas de escrita diferentes, mas ambas com as mesmas raízes de qualidade literária e de encanto e interesse para o leitor. Num pano de fundo que aborda as grandes questões e desafios com que as sociedades contemporâneas e muito especialmente a nossa estão confrontadas.

Parabéns ao Júri do Prémio Literário Alves Redol da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira por ter dado este prémio ao *Vozes de Burro*, que assim, mesmo não tendo chegado ao Céu, chegou onde mais importa um livro, aos leitores. E, sobretudo,

muitos parabéns, Carlos M. J. Alves, pela obra que nos deu. E com as minhas felicitações, fica a incitação a que nos poucos tempos livres do excelente trabalho autárquico que está a fazer na nossa Arruda dos Vinhos nos ponha nas mãos em breve mais produtos literários do seu talento, que este livro confirma.

João Barroso Soares
Abril de 2025

UM CALEIDOSCÓPIO SOCIAL

Dividido em duas partes distintas, que o autor intitulou "Vidas Caseiras" e "Correspondência Perdida", *Vozes de Burro*, Prémio Literário Alves Redol de 2017 na modalidade de "Conto", é, de certo modo, exemplificativo da prática do conto realista em Portugal: episódios circunstanciais que encerram, por consequência ou antítese, uma sub-reptícia moralidade. E esta é, em *Vozes de Burro* (e o próprio título é indicativo), que, em Portugal, faça-se o que se fizer, nunca se chega ao "céu", isto é, à felicidade.

Vozes de Burro, belíssima estreia literária de Carlos Alves, é, assim, uma literatura, não propriamente militante, mas, contra a corrente da literatura portuguesa recente, reveladora dos males do mundo e denunciatória das injustiças e desigualdades sociais. Trata-se de um caleidoscópio da vida social normal, sempre desajustada, sempre batalhadora mas insuficiente, sempre desejosa mas frustrada, revelando o trabalho precário dos jovens, a vida gorada dos idosos, os sonhos abortados do cidadão. E uma literatura comprometida com a actualidade da História, que até a meteorologia parece combater.

"Entrevista" e "Viver como quem morre" são dois contos exemplares no estilo denunciador de uma sociedade desequilibrada, de que a literatura de mercado empresta uma máscara e a literatura a sério satiriza.

Os contos de "Vidas Caseiras" são dominados por uma linguagem abstracta, mas não erudita, por um estilo realista mesclado de uma permanente e subtil ironia, evidenciada, não raro, por um final inesperado. De todos, salienta-se o conto "Reflexo", sobre

a passagem dramática do tempo social conduzindo, no final, a um vazio da existência: em idade adulta e avançada, o narrador não se reconhece ao espelho, como se não tivesse existido, ou como tivesse existido enquanto outra imagem literária da velocidade estonteante das mudanças sociais acontecidas nos últimos 40 anos em Portugal. Apenas no último parágrafo se percebe que o narrador é a personagem descrita, ela mesma. Neste sentido, os diversíssimos contos, espelhando uma linguagem realista e os temas do quotidiano mais banais, encerram uma visão existencial dramática, por vezes pungente, dominada por um contínuo insucesso, provocador de um sólido dilaceramento mental, que a ironia transforma em resignação e esta em denúncia.

A segunda parte é constituída por um volumoso conjunto de cartas. A correspondência é dirigida ao médico, à filha, a Ana (esposa), ao pai..., compondo o retrato de uma família de classe média, na qual pesa mais a claustrofobia da normalização dos costumes do que a liberdade. De salientar a carta-reflexão sobre a doença e a morte de um ente querido (esposa?, esposo?) e a necessidade de, sob e sobre o sofrimento e o luto, a vida continuar.

Bom conjunto de contos que, através de uma abordagem realista de episódios circunstanciais da vida, se inquire sobre temas permanentes como a fragilidade física, a incapacidade da existência de uma harmonia plena, a dissensão, o conflito, o riso (a ironia) como resposta à resignação.

Parabéns, caro Carlos Alves pela sua iniciação literária. O júri do Prémio Literário Alves Redol 2017, iniciativa da "Fábrica das Palavras", Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira, constituído pelo crítico literário Manuel Frias Martins, pela escritora Ana Cristina Silva e por mim, foi unânime na atribuição do prémio a *Vozes de Burro*.

Miguel Real

RISCOS DE VOLTAR AO SÍTIO ONDE SE FOI FELIZ

Passaram anos desde a primeira edição da coletânea de contos Vozes de Burro (abril de 2018). Uma ponte entre margens sob a qual muita água e alguma espuma dos dias foi cruzada. Qual embarque em aventuras, apostas e ilusões, aproveitando as marés benfazejas, atraiçoadas amiúde por tempestades desleais que deram em naufrágios.

Os pés acabaram marcados pelo restolho dos trajetos calcorreados. Os cabelos brancos a crescerem por impulso próprio replicando, palidamente, um Einstein desgrenhado. E algumas amnésias convenientes, funcionando como penso rápido, para estancar hemorragias psicológicas.

Para início de conversa, convém começar, de antemão, pelo balanço necessário para perceber se vale a pena voltar ao lugar onde se foi feliz. Que é como quem diz: caminhar para a porta de entrada para esta 2.ª edição, pela editora Caleidoscópio (a quem agradeço a oportunidade e voto de confiança), sob a sua chancela ORO para a área da Literatura.

O rescaldo das nódoas negras, os joelhos esfolados, aspirar a peneirar sempre ouro puro da infância e juventude são agora imagem desfocada no retrovisor. Memórias enevoados de um período em que a nossa mãe estava sempre perfeita. Quando para ir a sítios bastava ter boas notas, depois ter dinheiro e, finalmente, agenda. Filhos a crescer desenfreados. A companheira, que é uma princesa, a quem se deve a obrigação de tratar como rainha. A fazer o que torna, pelo desgaste, irmãos mais novos os mais velhos. Consciente de que quanto ao que fica para trás adormecido não

é esquecido. Fugindo a sete pés do passatempo best seller de suspirar por quem se podia ter sido com a ilusão de fazer as regras.

Colecionando pérolas de sabedoria úteis: em caso do uísque ser barato, pedir sempre com gelo para diluir a falta de qualidade. Metáfora para tanta coisa!

Mais o voltar a fumar. Atar pontas soltas de algum azar dos Távoras que se vai acumulando. E já não convencido que se passa pela vida como se ela fosse uma festa contínua em que se acaba inebriado a beber champanhe. Até porque as épocas, supostamente gloriosas, já desapareceram no túnel do tempo.

Afinal, sou outro. Sem o que querer, mas é o possível. Sem nunca chegar aos calcanhares do desejado. Resignado, de que isso vai com o tempo. Quando vai!

Uma folha limpa, em tempos longínquos em branco, com mais mundo e a paixão de sempre.

Intuição versus experiência acumulada, sem saldo resto zero – apesar de, embora racionais, nem sempre mandamos na nossa cabeça – em plano de fundo. Gerindo os que falam do que não sabem e imaginam o que não é. Porque uma coisa é o que os outros pensam e falam de cor e outra é o que nós vivemos e somos.

Muitas pessoas enriqueceram o universo de relações do qual estalou o verniz por diversas ocasiões mas, mais vezes, secou impoluto. Desde aí, nomes entraram e saíram neste somatório de que agora se faz resumo. Mais os que se fecharam em copas e os que surpreenderam positivamente. Com e sem rede.

Houve ciclos que se fecharam. Outros que se encetaram. Bluffs, flops, desafios e deslizes em lista de espera e conta corrente. Foi preciso arranjar força para prosseguir e não desistir. Um harmónio que se foi abrindo e fechando com celebrações, aniversários e lutos. Um autorrádio tocando estados de alma, preocupações, desajustes, injustiças e desilusões numa viagem por territórios ora familiares ora desconhecidos com uma banda sonora escolhida, na

maioria das vezes, à revelia do próprio. A oferecer melodias, com ares de quem não se trata mal, dando conta das contradições resignadas que se acumularam na coluna, sinuosamente vertical, que com custo próprio continua íntegra.

Um itinerário com destino, sem possibilidade de pré-reserva, nem calendarização rígida – uma vida sem horário fixo –, mesmo com breve semelhança a algo parecido com felicidade em algumas circunstâncias. Condicionada pelo que nasce connosco e com o que se acrescenta. Os anos de esforço a entrarem na contagem e a enrugarem o corpo. Aparentemente bem-sucedido. Apesar de a gente não ser a cara (sorridente) que mostra. Embora, às vezes, quem vê caras, também, ocasionalmente veja, apesar da raridade, corações. Mas consciente, alertado pelas bocas sábias do povo, da importância de fazer pela vida. Ele que vai dizendo para nossa vergonha proativa: Queixa-te e não faças nada! Como acertando, novamente, acrescenta: Vamos à vida que a morte é descanso!

Mais o trendy, o nem sempre politicamente correto, os ossos do ofício, os paninhos quentes e gatos por lebre, em contraponto com a loiça a partir. Também, preguiças, correrias e lutas com imbróglios mais fortes que nós. Vitórias, derrotas e empates técnicos. Calma e espírito revolto. Aprendizagens e coisas que já se sabiam.

Um olhar que vai agora noutras direções despontou. Um dia a dia com nova pontuação a marcar um ritmo diferente, tendo como corolário um ponto de situação mais à frente do que na altura da anterior edição. Umas vezes indo a direito outras em círculos labirínticos. Passando por gerir as várias versões das situações.

Igualmente, fúrias e apaziguamentos. Factos, mentiras e meias verdades. Críticas e elogios em desequilíbrio. Lembretes importantes para não baixar a guarda. Apesar de se acreditar em menos e desconfiar mais, de pés atrás, permanece o entusiasmo e a vontade interminável de querer comer o mundo. E de estar apaixonado pela vida. Curioso dos sete costados! Como um cão que late,

sem razão aparente, para lhe abrirem a porta como se só quisesse confirmar que o mundo continua lá fora.

Porque mesmo a vela quando derrete continua a encantar-nos com a sua luz. E, às vezes, até é capaz de nos hipnotizar. E não olha para o lado quem quer ir em frente. Mesmo que haja sempre alguém que, de papo cheio, nos mede e o diabo esteja sempre nos detalhes.

Devemos voltar ao sítio onde fomos felizes? Sim. Perigos? Ele ter mudado de lugar. Estar desfasado num tempo sem possibilidade de regresso. De a lembrança que serve de bússola apontar para um norte inexistente.

O risco, no entanto, pode ser comparável com ficar eternamente à espera do momento certo. Ou, caminhar cautelosamente, por medo, pelo passeio sem sair da berma e sem arriscar, destemido, a avenida principal. Sim, devemos revisitar o sítio onde já fomos felizes.

Vozes de Burro? Bem, os lugares alteram-se, inundados pelo leite derramado. Os lugarejos passaram a povoados irreconhecíveis, os cheiros são outros, as pessoas mudaram (bem haja aos que contribuíram, aos que permaneceram e aos que agora se incluem) mas, as histórias continuam a valer a pena. Dizem! Acredito, eu! Os outros lerem o que escrevemos devia ser feito na nossa presença para vermos a reação e confirmarmos o interesse. Como quando cozinhamos para alguém que prova à nossa frente e no fim nos diz (mesmo mentindo): estava magnífico.

A 1.ª edição de Vozes de Burro ficou lá atrás. Mal dei conta dos anos a passar. Sem disponibilidade para velar o passado ou com aspiração a disco riscado. Venha a 2.ª edição. Até já! Amanhã é outro dia.

Arruda dos Vinhos, abril 2025.
Carlos M. J. Alves

Das vidas caseiras não se faz romances.

Irene Lisboa